

## **A LEITURA AMPLIADA A PARTIR DE EVENTOS CULTURAIS**

Maria Lourdes de Lima Rosa - SEE/DF

dellimarosa@hotmail.com

**Resumo:** Com vista a uma leitura produtiva, é fundamental que o profissional de Linguagens, Códigos e suas tecnologias estabeleça critérios na escolha de textos que queira trabalhar. Deve pensar uma estratégia de estudo que dê motivação ao aluno e, de algum modo, facilite a compreensão verbal, independente se essa comunicação ocorre de modo oral ou escrito. Ler, fazer entender os diferentes discursos que circulam na sociedade, é essencial para adquirir conhecimento, construir cidadania. Apesar dos muitos e diferentes recursos tecnológicos que conhecemos, os textos linguísticos que envolvem literatura mantêm o seu encanto: a informação, o conhecimento, a reflexão. Valorizando Bakhtin, a partir dos gêneros do discurso em eventos sociais, é possível trabalhar o cotidiano focando a linguagem plural da poesia, da canção e da cultura dos cartões de amizade. A tessitura particular dos textos, o ritmo e a melodia das composições valorizam a polissemia das palavras, a imagem e a contextualização de ideias pertinentes ao tema que se quer ler ou produzir. Elegemos a leitura significativa, ampliada nas ideias de Carlos Drummond de Andrade, Nilson Chaves, Chico Buarque de Holanda e João Cabral de Melo Neto.

**Palavras-chave:** leitura, gênero, poesia

### **Introdução**

Por experiência, a partir de Bakhtin, valorizamos os gêneros do discurso focado em eventos sociais. É possível trabalhar a leitura em sala de aula, o conhecimento por meio de diferentes tipologias discursivas, considerando a especificidade e o objetivo do texto que se quer trabalhar - situações de comunicação que retratam o cotidiano das pessoas, a linguagem plural da literatura, da cultura da poesia, dos cartões de amizade e da canção. Apesar dos muitos e diferentes recursos tecnológicos que conhecemos, os textos linguísticos que envolvem literatura mantêm o seu encanto: a informação, o conhecimento, a reflexão. Dentro da estratégia didático-pedagógica que se propõe, o profissional de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias deve (re)pensar o material didático e, sempre que possível, perguntar ao aluno qual tema gostaria que fosse valorizado. Essa é uma postura que ajuda o professor a cativar o aluno e, melhor, desenvolver a leitura em sala de aula. É sabido que o suporte convencional: o livro didático, às vezes, apresenta textos vazios, desconectados da realidade do aluno. Eles percebem, mas, talvez, não tenham espaço ou não se sintam à vontade para criticar ou dar sugestões.

Como parte da realidade cotidiana, os temas trazidos ao ambiente escolar devem servir ao aprendizado da língua e à formação do aluno como todo. Daí a relevância da escolha dos gêneros do

discurso, pois, além de se servirem de base para trabalhar estilos diferentes de comunicação, os textos escolhidos destacam-se quanto à forma, o estilo linguístico e o tema com que se apresentam. É pertinente quando se explora diferentes tipologias textuais como a simbologia vista na poesia, a linguagem híbrida vista na canção e a linguagem significativa representada no ‘cartão-amizade’, por sinal, uma forma de texto bastante utilizada na cultura das relações de amizade - situações que exploram a linguagem plural e condizem com uma realidade pontual. Ler, fazer entender os diferentes discursos que circulam na sociedade, é essencial para se adquirir conhecimento, despertar o senso crítico e levar o aluno a pensar em cidadania.

Escolhemos a linguagem híbrida a partir de eventos sociais que prestigiam as práticas de vida em contexto linguístico-social, vistas em tipologias textuais da poesia, das canções e dos cartões de amizade, como sugerem os PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: trabalhar a língua a partir da realidade sociocultural. Desprezamos assim a forma de se trabalhar a língua materna desvinculada da realidade do cotidiano ou em forma de extratos gramaticais. Sabemos que os textos são organizados em diferentes unidades lógicas que se juntam e dão origem a um todo: a composição textual que detém um discurso pertinente a cada situação quando nos apresenta a informação de realidades várias, de momentos diferentes de interação. Há necessidade de se trabalhar outras formas ou tipologias de linguagem na comunicação do espaço escolar, não apenas os tradicionais textos linguísticos. Considerando essa possibilidade, trazemos como estratégia a leitura significativa, ampliada nas ideias dos textos escolhidos. Antes, para efeito de contextualização, procedemos à revisão literária de ideias interligadas aos temas motivação, gênero do discurso, parâmetros curriculares nacionais, literatura, poesia. São contribuições que dão consistência à nossa reflexão e permitem a melhor compreensão da experiência desenvolvida em sala de aula.

## **Motivação**

Considerando as ideias de Lieury (1996) e Campos (1978), motivar significa predispor-se a um comportamento desejado para um determinado fim. Os motivos ativam o organismo na tentativa de satisfazer suas necessidades e dirigem o comportamento para um objetivo que suprirá uma ou mais necessidades. A teoria humanista, uma das principais teorias motivacionais, tem como princípio o fato de que as pessoas são motivadas a satisfazer classes de necessidades que estão organizadas segundo os níveis de uma hierarquia. Como teórico da teoria humanista da motivação, Carl Rogers (2006 *apud SALLES, Danielle Seffair, p 21, julho*) afirma que a abordagem deve ser

centrada na pessoa. No caso do aluno, a abordagem deve ser centrada em ele; já o professor, atua como um facilitador no processo de ensino aprendizagem.

### **Gêneros do discurso**

Os gêneros envolvem as práticas sociais que estabelecem as relações travadas entre as diferentes pessoas, por isso, quando explorados, dão consistência ao aprendizado e mais vida ao trabalho do professor, o que garante uma leitura produtiva. De início, trabalhamos os textos em forma de debates para aquisição de ideias, em outro momento, organizamos as ideias abstraídas e as organizamos em forma de textos. É bom lembrar que os textos subjetivos são carregados de simbologias, compostos de discursos que aguçam a reflexão, a valorização da cultura, da poesia e do gosto pela leitura. Ao lançar mão de diferentes recursos, cativa-se o aluno e cria-se um ambiente mais interessante, até mesmo prazeroso. Também é um momento de quebrar a distância entre professor e aluno, aproximar aluno a aluno e dinamizar o ambiente de estudo. Digamos que se quer trabalhar um espaço apropriado, centrado no debate da leitura ampliada para a construção de uma consciência cidadã.

### **PCN - Parâmetros curriculares nacionais**

A finalidade maior da escolha do gênero é prestigiar a leitura a partir dos eventos sociais, tal como orientam os PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Secretaria da Educação Fundamental) desde 1998 e 1999, quando pesquisas feitas, por meio de questionamentos, inquietações e indagações, buscam compreender a língua portuguesa enquanto língua materna, instrumento de comunicação e projeção social e profissional. Sugerem que o estudo da língua materna deve ser centrado no desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção textual que possibilitem o domínio da competência textual além dos limites escolares, como nas relações humanas e no mercado de trabalho, pois a estrutura da língua nós já a trazemos (internalizada) desde muito pequenos. O que necessitamos, de fato, é amadurecê-la enquanto instrumento de capacitação e comunicação em qualquer área do conhecimento.

## **Literatura**

Segundo Lígia Chiappini (1997) a literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que sucinta no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é criação, uma espécie de energia que, adensa a realidade, torna-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação. O discurso artístico implica, além da comunicação, um elevado grau de expressividade: um ‘eu’ que se expõe e que se dirige a um ‘outro’ buscando uma resposta; assim sendo, a literatura cria a partir da realidade, da experiência de ‘um eu’, um objeto verbal, visando dialogar com o espírito e a emoção de um ‘outro’.

Para Rifaterre (1997) um poema é uma sequência verbal dentre em que as mesmas relações entre os constituintes se repetem em diversos níveis. Os diversos níveis a que *Rifaterre* se refere são: fonético, fonológico sintático, semântico etc. Mas não basta criar segundo as regras de uma forma literária, se nela essas relações não apresentarem um paralelismo, se nela não houver poesia (p151, 1997).

## **Poesia**

Para Graça Paulino (2001) a leitura poética é um tipo de texto que tem circulação restrita na sociedade atual, embora haja tentativas de resgate de suas origens populares através de saraus e jograis, cantadores e repentistas e da própria musicalização de poemas.

Lugares existiram - e existem - em que vemos a poesia como parte integrante do dia-a-dia, criação coletiva sem o sentido de propriedade que lhe é dado entre nós. Nas chamadas “comunidades primitivas”, a poesia, o canto, a dança são manifestações do povo em suas relações com o mundo e com os deuses. Ao se estudar as primeiras produções poéticas de cada povo, pode-se constatar que a poesia nasce em seu meio, como parte de suas atividades diárias. (p 85, 2001).

Ainda o que se nota, porém, aos poucos, é que a poesia afasta-se do cotidiano rumo às academias, tornando-se manifestação de uma elite cultural que se quer responsável pelo saber ficando inacessível à grande maioria. ‘Essa poesia naturalmente ligada a afazeres quotidianos tem o

caráter de articulação com a vida social. Textualizada, essa vida se torna sonoridade, melodia, gesto, ritmo. Quando escrita, não necessariamente, a poesia perderia essas características resultantes do aspecto interativo da vida social'. (p.86, 2001).

### **Sugestões para leitura:**

Ler os cartões-amizade, a poesia e ouvir a canção antes de trabalhar o enunciado escrito – é a primeira leitura, também são formas de ‘pensar’ a produção artística: objeto de aprendizagem, motivação e prazer, já que se estabelece na consonância da interface ritmo, letra, melodia, além da tonicidade, quando dão forma à arte. A segunda leitura é um modo de se resgatar a leitura e o ensino da língua em aspectos combinados: integrando enunciados orais e escritos em práticas sociais, daí chegar-se à produção do texto. Ressaltamos aos alunos que nossa leitura tem objetivos definidos e envolve diferentes momentos. De início, o prazer ao ouvirmos os versos da canção, da poesia e dos cartões. Depois, fazer a síntese de ideias e organizá-las considerando os enunciados escritos dos gêneros trabalhados. Por fim, ampliar, contextualizar e sugerir aos nossos alunos que organizem as leituras e sintetize-as em forma de texto.

### **Possíveis leituras**

Discutir e escrever acerca de uma realidade: a realidade cotidiana vista na poesia quando valoriza o “eu” lírico - faz-se necessário para entender a essência do homem. Na síntese da poesia, talvez, seja potencializada a sensibilidade do leitor e a capacidade de escritor que existe em cada um de nós. Assim pensamos a literatura na leitura da poesia vista na linguagem plural e híbrida, em diferentes momentos.



(a)

(b)

(c)



(d)

(e)

(f)

(g). Carlos Drummond de Andrade: A procura da poesia; cartões de amizade (a, b, c, **d**, e, f); Nilson chaves: Flor Destino (h), Sabor açai (i), Olho de boto (j); canção de Chico Buarque: Funeral de um lavrador (k), compositor: João Cabral de Melo Neto.

**A leitura da linguagem nos versos de Péricles: cartão-amizade (d)**

**“O Segredo da felicidade está na liberdade e o segredo da liberdade na coragem”**

Nossa primeira leitura tem como base a lógica do tema exposto e também a preocupação com a forma com que o aluno deve expor suas ideias quando tem em mãos um texto plural. São orientações que se juntam às ideias do texto e nos permitem escrever com mais liberdade, segurança. Conforme entendemos, o texto em destaque, além de outros vocábulos que os compõe, bem valoriza as palavras felicidade, liberdade e coragem, fato que não impede que se diga aos alunos que existem outras possibilidades de leitura, visto o texto apresentado valorizar um tema subjetivo. Cada um deve prender-se às palavras que (no texto) mais lhe chamem a atenção. Não

importa qual metáfora queira eleger-se, importa que exista a preocupação com os argumentos a serem apresentados na discussão; importa que deva haver coerência na disposição dos argumentos expostos; importa que deva haver coesão na sequência das ideias contidas no texto; importa que deva existir lógica entre o texto motivador e as ideias abstraídas a partir deste. Feita esta primeira leitura, organizamos as palavras-chave que motivam nossa segunda leitura.

Ao analisarmos os vocábulos **felicidade, liberdade e coragem**, nossa imaginação flui e se organiza, transformam pensamento em ideias, ideias em palavras e palavras em significados. Talvez um significado que precise ser definido. Falamos do significado das palavras-chave que compõe nosso texto motivador: felicidade, liberdade e coragem. Entendemos que elas dão corpo ao nosso texto e, quando atreladas e entrelaçadas ao sujeito-homem, dão vida ao homem-cidadão. Não importa qual credo se tenha, qual objetivo se queira, qual empenho se dedique para se alcançar um projeto. Importa mesmo que a felicidade, a liberdade e a coragem fazem parte do homem e devem ser buscadas, conquistadas. Sim! Um homem em sua essência nasce para ser feliz e deve lutar para que isso aconteça. Quando falamos em liberdade, dizemos que esta não pode ser confundida com as falsas ‘facilidades’ que a vida, às vezes, oferece. A experiência e a sabedoria nos ajudam a diferenciar a liberdade dos atos inconsequentes, pois ser livre exige responsabilidade. Talvez, dentre estas três palavras, a coragem encerre todas elas, pois os projetos que traçamos só ganham corpo quando temos coragem para lutar. Dificilmente conclui-se um objetivo se não existir empenho para se chegar ao final. Em síntese, a vida necessita de sabedoria para a conquista da liberdade, e esta carece da coragem para ser vivida com responsabilidade, pois na responsabilidade está a felicidade, diferente para cada um que a procura, que a encontra.

### **A leitura da poesia de Carlos Drummond de Andrade (g)**

**No contraponto da leitura:** Por que ler, por que comer: “**A procura da poesia**”

“Chega mais perto e contempla as palavras / Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta / pobre ou terrível que lhe deres: trouxeste a chave?” ANDRADE, Carlos Drummond de.

Como priorizamos a leitura, nada mais interessante que buscarmos um conceito a partir do contraponto: a necessidade de ler, a necessidade de comer e a necessidade da poesia. Podemos dizer, por analogia, que aqui está o homem na interface do **ler/ser/saber** - uma leitura ampliada, projetada na poesia do homem.

Elaboramos nosso conceito a partir do entrelaçamento de ideias que envolvem o alimento, a leitura e a poesia. Não qualquer poesia, mas aquela do recorte da composição de Carlos Drummond de Andrade na **Procura da poesia**.

Como responder à inquietante indagação: por que ler?

Talvez o entendimento esteja além da analogia de ideias da construção linguística em destaque: o porquê da boa alimentação e o porquê da boa leitura, quando nos apresenta<sup>129</sup> argumentos sobre necessidades de leitura. São sínteses de ideias que, postas lado a lado, bem definem o valor destes ‘alimentos’. Sim, comer dá continuidade à vida, ler dá sentido e a poesia dá cidadania quando amadurece a leitura.

Eu diria mais, a boa leitura resgata o homem das diferentes formas de exclusão e dos preconceitos, assim como a boa alimentação previne o homem de doenças que às vezes só aparecem na velhice como o *Alzheimer*. É tanto que uma corrente de estudiosos considera a falta de leitura como uma das causas do acometimento daquela doença. Dizem eles que a doença ataca, na maioria das vezes, pessoas que exercitam pouco o cérebro, que lidam mais com tarefas manuais. Precisei fazer esse contraponto de abstrações para contextualizar meus argumentos. Todavia o que me impulsiona a ler, e escrever, é buscar o conhecimento da língua estabelecida em seus diferentes discursos, é poder melhor trabalhar a leitura, e não importa em que situação ou espaço. Em especial, é compreender a linguagem da poesia, da literatura quando tem como objetivo impulsionar as pessoas a melhor compreenderem as coisas ao seu redor. Também a poesia nos leva a refletir sobre situações em que só a sensibilidade do leitor, ao lidar com a obra, pode resgatar. Às vezes carecemos de uma leitura mais pontual, outras vezes, de uma leitura que nos transporte para outra realidade e, quem sabe, até nos faça entender como funciona o mundo.

Nossa reflexão bem elegeu os versos de Drummond, pois a literatura, enquanto valoriza a subjetividade, a polissemia das palavras, tem o poder de cativar e acalentar as ideias do leitor - que espera o momento de mexer no texto e o texto mexer com ele.

### **A leitura da canção de Nilson CHAVES: Olho de boto (j)**

*“E tu ficaste serena, / Nas estrelinhas do sonho / Nos escaninhos do riso,  
Olhando para nós escondida / Com os teus olhos de rio. / Vieste feito um  
gaiola,*

---

129 in Travessia poética – página oficial do Professor Manuel Antônio de Castro. In: <http://acd.ufjf.br/~travesiapoetic/index.htm>. Acesso em junho de 2007

*Engravado de redes, / Aportando nos trapiches, / Do dia a dia e memória,  
/ Com os teus sonhos de rio. / E ficaste defendida, / Com todas as tuas  
letras, / Entre cartas e surpresa, Recírio, chuva e tristeza. / Vês o peso da  
tua falta, / Nas velas e barcos parados,  
Encalhados na saudade, / De Val-de-Cans ao Guará. / Porto de sal das  
lembranças, / Das velhas palhas trançadas, / Na rede de um outro riso, / Às  
margens de outra cidade.  
Ah! Os teus sonhos de rio!  
Olho de boto, / No fundo dos olhos / De toda a paisagem.”*  
(Cantor e compositor: CHAVES, Nilson)

Para contextualizar a leitura da canção Olho de boto, resgatamos algumas ideias acerca da lenda do animal que dá título ao texto de Chaves. Segundo a Revista Moara, o boto é um golfinho, um cetáceo muito comum que habita a imensidão dos rios da região amazônica no norte do Brasil. Conforme a crença, num processo de metamorfose, o animal se transforma em um belo rapaz branco, normalmente loiro, que, trajando vestes brancas e mantendo sempre um chapéu na cabeça, aparece em ocasião de festas e seduz as moças da região das ribeirinhas<sup>130</sup>. Depois, como um encanto, desaparece nas águas dos rios da Amazônia. São várias as partes do boto que são utilizadas como amuletos para dar sorte no amor, mas, para nós, bem interessa o olho do animal.

Observamos que o autor cria sua poesia a partir do vocábulo olho. Não qualquer olho, mas aquele da magia das águas: o olho de boto com poder de sedução. Desenvolve seu texto por meio de comparações de ideias construídas em vários momentos. Na serenidade do sonho e na facilidade do riso, apresenta-nos a figura (en)cantada da prostituta do cais. Por meio de analogias dos vocábulos sonho, serena, riso, escondida, rio, engravidado, palhas trançadas permitem-nos pensar a figura da mulher que passa e que se esconde no cais. Um ser discriminado e temeroso que busca disfarçar o desconforto do medo no riso fácil quando às vezes é traída.

Com base na construção: ‘Olhando para nós escondida’; ‘Vês o peso da tua falta’ o texto permite-nos dizer que a dama do cais não se sente à vontade com o que faz, mesmo assim continua e sonha. É um sonho perturbado pela insegurança, pelo vazio de está sempre passando por portos, pessoas, lugares, festas, paixões. Todavia é confortada pelo amuleto do olho que tudo vê e, na surpresa das festas que vão e voltam, talvez consiga um amor duradouro. Essa instabilidade do amor do cais é colocada em outros momentos do texto, nos versos: ‘Com os teus olhos de rio’;

---

130 Ribeirinhas são áreas de moradias localizadas ao longo das margens dos rios da Amazônia. Lá são construídas palafitas, tipos de casas feitas de madeiras e apoiadas em troncos grossos (também de madeira) para resistirem às águas. As casas são feitas suspensas para não serem atingidas pelo sobe e desce das marés, pois na época de inverno, com as chuvas frequentes, aumenta muito o volume de água nos rios da Amazônia.

'Com os teus sonhos de rio'; 'Entre cartas e surpresas'; 'Recírio, chuva e tristeza'; 'Porto de sal das lembranças'; quando nos são apresentadas ideias acerca de amor, fugacidade, esperança, alegria, tristeza e medo...

Um medo que, por ampliação de leitura, projetamos nas muitas mulheres que ganham a vida como prostitutas e, quem sabe, vivem a esperança de um amuleto para encontrar o amor verdadeiro. Talvez, na esperança, busquem um gostar medido não pela força do amuleto, mas pela dimensão dos rios e das paisagens da Amazônia com suas lendas e seus encantos.

### **Uma possível leitura da canção de Chico Buarque: Funeral de um lavrador (k)**

*“Esta cova em que estás com palmos medida / É a conta menor que tiraste em vida  
É de bom tamanho nem largo nem fundo / É a parte que te cabe deste latifúndio  
Não é cova grande, é cova medida / É a terra que querias ver dividida  
É uma cova grande pra teu pouco defunto / Mas estarás mais ancho que estavas no mundo  
É uma cova grande pra teu defunto parco / Porém mais que no mundo te sentirás largo  
É uma cova grande pra tua carne pouca / Mas a terra dada, não se abre a boca  
É a conta menor que tiraste em vida / É a parte que te cabe deste latifúndio  
É a terra que querias ver dividida  
Estarás mais ancho que estavas no mundo.”*

(JOÃO CABRAL de Melo Neto)

Por acomodação do texto, não temos como propósito aprofundar a leitura da canção de Chico Buarque (1966): **Funeral de um lavrador**, mas apresentar sugestões de leituras a partir dos textos do autor e do compositor João Cabral; inclusive ampliar essa leitura a outras produções dos autores. A canção é um recorte da **peça de teatro**, de cunho dramático, de JOÃO CABRAL (1956): **Morte e vida Severina**, e está inserida no trecho que tem como título: (segue Severino e) **Assiste ao enterro de um trabalhador de oito e ouve o que dizem do morto os amigos que o levaram ao cemitério**

“— *Essa cova em que estás, / com palmos medida, / é a cota menor / que tiraste em vida*  
— *É de bom tamanho, / nem largo nem fundo, / é a parte que te cabe / deste latifúndio.*  
— *Não é cova grande, / é cova medida, / é a terra que querias ver dividida.*  
— *É uma cova grande / para teu pouco defunto, / mas estarás mais ancho / que estavas no mundo. /*  
— *É uma cova grande / para teu defunto parco, / Porém mais / que no mundo / te sentirás largo. /*  
— *É uma cova grande / para tua carne pouca, / mas a terra dada / não se abre a boca. /— Viverás, e para sempre, / na terra que aqui aforas: /... enfim tua roça... tua terra... / além de senhor, / serás homem de oito e trator... /... adubo, colheita...”*

(JOÃO CABRAL)

Tal qual a peça de CABRAL, a canção trás como tema central o drama da vida (e morte) do retirante nordestino simbolizada em Severino. Uma realidade que se amplia para todas as pessoas (e são muitas) que vivem o drama da exclusão de diferentes modos, principalmente o drama da falta de moradia e de terra para o cultivo do campo, considerando que, no país, há uma grande quantidade de terra nas mãos de muitos poucos: os latifundiários. Como sugestão de leitura, o profissional da educação pode trabalhar alguns vocábulos ou construções lexicais que dão corpo ao texto: vida; latifúndio; defunto; grande; menor; dividida; ‘mais ancho’; ‘abre a boca’, etc. Também pode ser ampliado para outros temas ou áreas do conhecimento como cidadania, posse da terra, dividida, violência no campo, reforma agrária, artes, letras, literatura, história, sociologia, língua, etc. Outra sugestão é trabalhar a interdisciplinaridade a partir da canção do texto e da obra do compositor, além dos trabalhos produzidos por CHICO BUARQUE e JOÃO CABRAL.

### **Considerações Finais**

Quanto a este artigo, não temos como meta disponibilizar textos produzidos por alunos, mas apenas expor a capacidade que tem o aluno em criar quando estimulado, mediado com sabedoria por um professor. Desenvolver um processo de leitura, apoiado no prazer ampliado à canção, à poesia e ao cartão-amizade, possibilita ao professor de língua materna desenvolver a leitura subjetiva e o estudo sistematizado da língua na visão global do texto. A motivação e a mediação do Professor são imprescindíveis para que apareçam os resultados. Algumas vezes, demoramos a descobrir ‘o que fazer’, ‘por que fazer’ e ‘como fazer’, mas, nem assim, deixamos de caminhar. A motivação e a mediação do Professor são imprescindíveis para que apareçam os resultados. Comprovamos que o trabalho com gêneros textuais de circulação na sociedade podem tornar as aulas mais produtivas e interessantes. Assim o trabalho pedagógico com gêneros pode ser o caminho para o ensino e aprendizagem efetuados de forma eficaz, contribuindo de maneira significativa para que os alunos sejam capacitados a compreenderem a sua língua e o valor da comunicação na convivência social.

## REFERENCIAS

- BAGNO, Marcos. **A Norma Oculta Língua & Poder Na Sociedade Brasileira**. 7º Edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. M.E.G. Pereira. 3ªed. SP, Martins Fontes, 2000.
- BERNED, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 1992.
- BISPO, Marlucy Mary Gama. in: <http://www.algosobre.com.br/resumos-literarios/morte-e-vida-severina.html>
- CASTRO, Manuel Antônio de Castro. in: <http://acd.ufr.br/~travesiapoetic/index.htm>.
- CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CHIAPPINI, Lígia (coordenadora geral). **Aprender e ensinar com textos/Vol. 2**. São Paulo: Editora Cortez, 1997. Coordenadoras: Helena Brandão; Guaraciaba Micheletti.
- COSTA, Eneida Machado. **Leitura Motivada e Produção de Texto**. 1º edição – 1998. Associação dos Professores de Língua Portuguesa do Distrito Federal – APLP/DF.
- FARES, Josse. **O boto, Dândi das águas amazônicas**. MOARA: revista da pós-graduação em letras da UFPA, Belém, n. 5, p. 46-61, abr./set., 1996. Estudos de Narrativa Oral.
- FIORINI, J.L. & PLATÃO, F.S. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- , **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 49. SP: Cortez, 2008.
- FULGÊNCIO E LIBERATO. **Como facilitar a leitura**. São Paulo: Contexto, 1992.
- KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura teoria & prática**. Campina, SP: Pontes, 7º Ed, 2000.
- , **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.
- KOCH, Ingedore; G. Villaça. **Introdução à linguística textual**. SP: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, Ingedore; G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2007.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 17 ed., 1995.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio in [http://www.proead.unit.br/profesor/linguaportuguesa/arquivos/textos/Generos\\_textuais\\_definicoes\\_funcionalidade.rtf](http://www.proead.unit.br/profesor/linguaportuguesa/arquivos/textos/Generos_textuais_definicoes_funcionalidade.rtf)
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 18 ed., 1994.
- NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. **Análise e interpretação de poesia: coleção margens do texto**. São Paulo: Scipione, 1995.
- Organização de Corpora Sociolinguística em Banco de Dados Oraís para Estudos do**

*Universidade Estadual de Goiás – UEG*

*Unidade Universitária de Formosa*

*VI Congresso Latino Americano de Compreensão Leitora - 4, 5 e 6 de setembro de 2013*

**Português Regional Paraense.** MOARA: revista da pós-graduação em letras da UFPA, Belém, n 20, p 49-64, jul./dez.; 2003. VII Jornada de Estudos Linguísticos e Literários.

**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.** Volume 1 e 2. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3º edição – Brasília: Secretaria, 2001.

PAULINO, Graça; Ivete WALTY, Maria Nazareth FONSECA e Maria Zilda CURY.

**Tipos de textos, modos de leitura: Série Educador em Formação.** Belo Horizonte: Editora Formato, 2001.

ROJO, Roxane (org). **A Prática de Linguagem em Sala de Aula.** Praticando os PCN's. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000 (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

SILVA, Ezequiel Teodoro da Silva: **conferências sobre leitura – trilogia pedagógica.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (coleção linguagens e sociedade)

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica. 1998.